

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

CAMILA TATIANE DE SOUZA

A ÁFRICA ISLAMIZADA E O CONHECIMENTO SOBRE O *OUTRO* ATRAVÉS DOS
RELATOS DE IBN BATTŪTA (SÉC. 1352-1353)

CURITIBA

2015

CAMILA TATIANE DE SOUZA

A ÁFRICA ISLAMIZADA E O CONHECIMENTO SOBRE O *OUTRO* ATRAVÉS DOS
RELATOS DE IBN BATTÛTA (SÉC. 1352-1353)

Trabalho apresentado como requisito parcial à obtenção do grau de Especialista em Educação das Relações Étnico-Raciais no curso de Especialização em Educação das Relações Étnico-Raciais, NEAB - Núcleo de Estudos Afro-brasileiros da Universidade Federal do Paraná.
Orientador: Prof. Hector Guerra

CURITIBA

2015

“Todo ato de tomar a palavra implica a construção de uma imagem de si”.
MORAIS E SILVA, 2011, p. 11

RESUMO

Ao longo da sua vida Ibn Battūta (1307-1377), dedicou-se a longas viagens pelas regiões onde o islã marcava sua presença, conhecendo diferentes culturas e povos. E, o livro *A través del Islam*, é o resultado de seus relatos e impressões. Diante disso, apresenta-se a proposta deste estudo, que é buscar conhecer mais sobre o *olhar* de um viajante e peregrino muçulmano ante a África islamizada, como os povos da região se relacionavam e principalmente como se compreendiam. Portanto este trabalho procura através de um estudo bibliográfico, debater as informações dadas pelo viajante, considerando, em específico, as relações culturais, religiosas e do cotidiano da corte do Império Mali. Para atingir o objetivo o trabalho inicialmente busca *reconhecer o território*, discutindo a formação do Reino Mali e a introdução do islã no local, na sequência é debatida a importância das viagens para os povos muçulmanos, da mesma forma informar a valor do chamado relato de viagem. E, finalmente, a análise da fonte, com trechos dos relatos do erudito sobre o Mali, assim como as observações e opiniões tecidas pelo autor.

Palavras-chave: Ibn Battūta, *Rihla*, *Outro*.

ABSTRACT

Throughout his life Ibn Battūta he devoted himself to long trips the regions where Islam marked his presence knowing different cultures and peoples. And the book *A través del Islam*, is the result of their stories and impressions. Therefore, we present a proposal of this study, which is to seek to know more about the look of a traveler and Muslim pilgrim at the Islamized Africa, how people in the region were related and especially how to understand. Therefore this work looking through a bibliographic study, discuss the information given by the traveler, considering, in particular, the cultural, religious and of the Mali Empire cut daily. To achieve the goal the work initially seeks to recognize the territory, discussing the formation of the United Mali and the introduction of Islam in place, following is debated how journeys to Muslim peoples, likewise inform the value of so-called travel report. Finally, the analysis of the source, with excerpts from Scholar reports of Mali, as well as the comments and opinions voiced by the author.

Keyword: Ibn Battūta, *Rihla*, *Other*.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Mapa 1: Avanço da islamização na África subsaariana.....	10
Mapa 2: O Império de Gana.....	11
Mapa 3: Império de Mali (século XIV).....	16

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	7
2	RECONHECENDO O TERRITÓRIO.....	9
	2.1 A “ISLAMIZAÇÃO DA ÁFRICA” OU “AFRICANIZAÇÃO DO ISLÃ”	9
	2.1 O MALI E SEUS MANSAS.....	13
3	AS VIAGENS E A ERUDIÇÃO	17
	3.1 VIAJAR PELOS TERRITÓRIOS ISLAMIZADOS	18
	3.2 OBSERVAR E RELATAR	19
4	A RIHLA DE IBN BATUTTA	20
	4.1 IBN BATTŪTA NO MALI	20
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	27
	REFERÊNCIAS	31
	ANEXO.....	35

1 INTRODUÇÃO

As rotas comerciais foram responsáveis desde a antiguidade por trocas e interações entre diferentes povos, ocasionando muitas vezes guerras pelo domínio de caminhos já definidos, mas também proporcionando disseminação de conhecimento, intercâmbio cultural, político, religioso, entre outros. Tais rotas se estenderam e intensificaram na África e “apesar das dificuldades naturais de se atravessar o deserto, muitas caravanas de muçulmanos cruzavam o Saara a oeste para comerciarem escravos, sal, cavalos e metais (ouro e cobre) com as populações negras” (COSTA, 2009, p. 13). Já nos anos 1000

grandes correntes de intercâmbios culturais atravessaram o continente em todas as direções, confundindo-se por vezes com as correntes de comércio. Não havia mais regiões isoladas, pois nem florestas nem desertos constituíam barreiras intransponíveis (NIANE, 2010, p. 697).

E muitas foram às conseqüências destas ações, para o Professor Ricardo da Costa, por exemplo, foi “graças a essas regulares rotas de comércio transaarianas estabelecidas pelos berberes islamizados é que se tem notícia escrita das civilizações negras ao sul do Saara” (COSTA, 2009, p. 14). Este pensamento pode ainda ser reforçado por Djibril Tamsir Niane (2010, p. 698), no livro *História geral da África*, IV, quando apresenta que,

o papel do Islã, tanto na difusão de ideias como no comércio, foi de extrema importância à época, como ilustram as viagens de Ibn Battūta para a China e pela África oriental e ocidental. Nossos conhecimentos sobre as populações no período que ora tratamos muito devem aos trabalhos dos geógrafos, viajantes e historiadores muçulmanos.

Diante disso, apresenta-se a proposta deste estudo, que é buscar conhecer mais sobre o *olhar* de um viajante e peregrino muçulmano ante a África islamizada, como os povos da região se relacionavam e principalmente como se compreendiam. Para isso será utilizado como fonte de estudo o relato de viagem do muçulmano Ibn Battūta (1307-1377), que viajou pelas regiões onde o islã marcava sua presença e como saldo escreveu o livro *A través del Islam*¹.

¹ O livro *A través del Islam*, originalmente apresenta o nome *Tuhfat al-Nuzzar fi Ghara'ib al-Amsar wa-'Aja'ib Al-Asfar*, que poderia ser traduzido como “Um presente para aqueles que contemplam as

A escolha da fonte se justifica diante da proposta temática, pois se trata de uma obra escrita por um muçulmano sunita², que viajou e conheceu diversos reinos os descrevendo e comentando rotas comerciais de caravanas terrestres e marítimas, localidades, características e peculiaridades geográficas, da mesma forma dando grandes detalhes sobre a população local, assim como seu comportamento, religião, leis e costumes. Portanto este trabalho procurará através de um estudo bibliográfico, debater as informações dadas pelo viajante, considerando, em específico, as relações culturais, religiosas e do cotidiano da corte do Império Mali. O recorte temporal, por sua vez, apresenta-se em concomitância com o período da viagem de Ibn Battūta ao Mali.

Para isso, como suporte teórico para o estudo alguns historiadores tomam destaque. Ao que concerne ao período histórico referenciado, livros como *História geral da África*, volume I e IV, coordenados e editados respectivamente por Joseph Ki-Zerbo e Djibril Tamsir Niane, serão utilizados com objetivo de fundamentação teórica, uma vez que abordam metodologias e debates sobre a história da África. Já os trabalhos de José Rivair Macedo e Beatriz Bissio, somam o referencial uma vez que estes são conhecedores das fontes selecionadas e estudiosos de longa data ao que se refere aos domínios muçulmanos.

Este trabalho está dividido em três capítulos, sendo o primeiro, denominado *Reconhecendo o território*, onde será realizada uma descrição do processo de entrada do islã na África, e a formação do Reino Mali, destacando os nomes dos principais *Mansas*³, passando pelo *Mansa Suleiman*, pois foi durante seu reinado que o viajante Ibn Battūta visitou o Mali, permanecendo na capital por nove meses, onde presenciou e relatou suas observações anos mais tarde.

O segundo capítulo chama-se *As viagens e a erudição*, onde será debatida a importância das viagens para os povos muçulmanos, seja para cumprir com a peregrinação ou para a obtenção de conhecimento, e da mesma forma a

Belezas das Cidades e as Maravilhas da Viagem”, para este trabalho será utilizada a versão em espanhol BATTŪTA, Ibn. **A través del Islam**. Madri: Alianza editorial, 1993.

² *Sunita*: desde a morte do fundador do islamismo, Maomé (*Muhammad*), no ano de 632, seus seguidores estão divididos em dois grupos, xiitas e sunitas. Os xiitas são aqueles que defenderam a sucessão do profeta por um herdeiro legítimo, alguém consanguíneo, já os sunitas sustentaram a necessidade de uma votação entre a comunidade religiosa para escolha do sucessor de Maomé, desde então existe esta divisão entre os fiéis (N.A.).

³ *Mansa*: Título real dado aos imperadores do Mali (N.A.).

notabilidade do chamado relato de viagem, escritos que possibilitam o conhecimento de povos e culturas de diferentes regiões sob o olhar o viajante.

E, finalmente, e terceiro capítulo, *A rihla de Ibn Battūta*, momento dedicado para análise da fonte, com trechos dos relatos do erudito sobre o Mali, assim como as observações e opiniões tecidas pelo autor.

2 RECONHECENDO O TERRITÓRIO

2.1 A “ISLAMIZAÇÃO DA ÁFRICA” OU “AFRICANIZAÇÃO DO ISLÃ” 4

Foi a partir de 642 que um exército de árabes e berberes⁵ levaram sua expansão territorial, político e religiosa para a África, conquistando o Egito e a Núbia, “através dos potentados berberes da Líbia, Tunísia e Marrocos” (MACEDO, 2008. p. 17), e seguem em direção ao ocidente, também, chamado de *Magreb*⁶. Já no “final do século VII, os muçulmanos concretizaram definitivamente sua expansão no norte da África” (COSTA, 2009, p. 37), fato que permite a partir deste momento à história do islã, produção de certa percepção a respeito dos grupos de povos e das formações estatais existentes abaixo do Saara (MACEDO, 2008).

Dando continuidade a esta expansão os reinos, as religiões e as pessoas se transformam, pois conforme Ki-Zerbo (1979, p. 163),

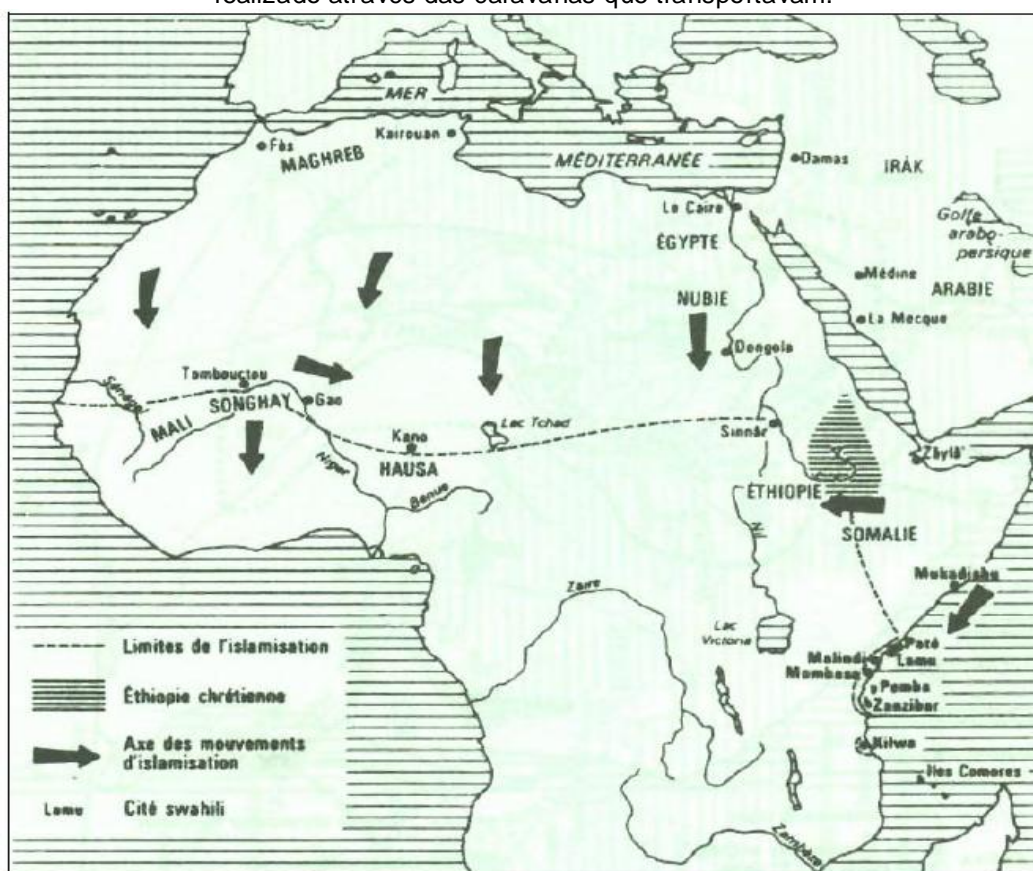
parece que os países negros africanos atingiram, após uma fase de movimentos migratórios, de contactos e trocas mais ou menos benéficos com o exterior por intermédio dos árabes, fase de progresso demográfico mais ou menos maciço.

⁴ Termo utilizado por Macedo e Marques (2008) para definir o processo onde a religião e a cultura islâmica se somaram as culturas africanas.

⁵ *Berberes*: povos nômades que vivem do comércio (N.A.).

⁶ *Magreb*: palavra em árabe que designa “ocidente” ou “onde o sol se põe” (N.A.).

As flechas no mapa indicam, no mapa, o avanço da islamização rumo ao sul do continente africano, cruzando o Saara; um avanço em grande medida realizado através em grande medida realizado através das caravanas que transportavam.



Mapa 1: Avanço da islamização na África subsaariana

Fonte: BISSIO, Beatriz. **O mundo falava árabe**: a civilização árabe-islâmica clássica através da obra de Ibn Khaldun e Ibn Battuta. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012. p. 65.

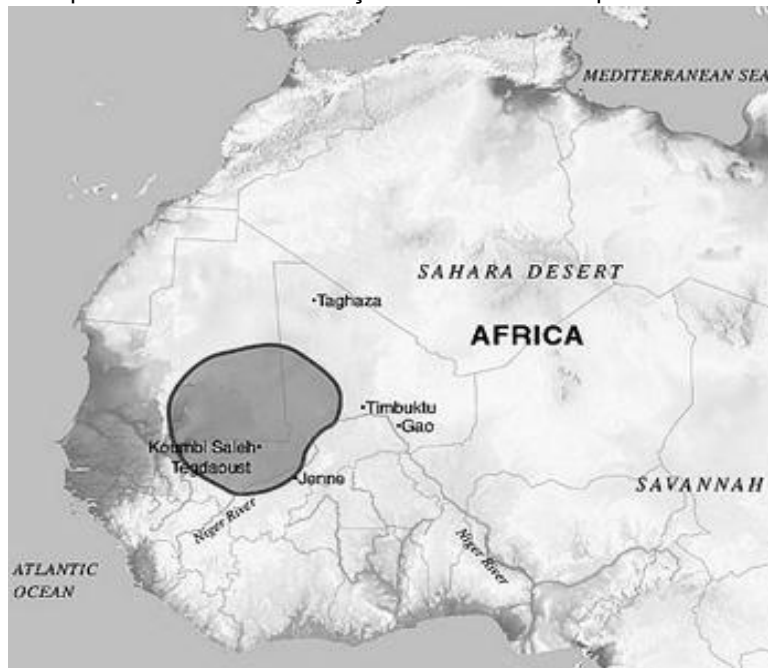
Neste momento, inclusive houve imigrações, mas não houve nem conquista nem islamização pela força (HRBEK, 2010). Expandir o Islã era, portanto, uma obrigação para os seguidores da religião, mas os povos “conquistados” não eram forçados a seguir a religião ou mudar seus modos de vida e concepções religiosas tradicionais, sendo assim essa difusão dava-se através do processo de aculturação⁷ (MACEDO e MARQUES, 2008).

Desta forma, tempos depois, “do fim do século XII até o fim do século XVI, a África Negra vai conhecer um desenvolvimento simultâneo de todas as suas regiões, do ponto de vista econômico, político e cultural” (KI-ZERBO, 1979, p. 163).

⁷ *Aculturação*: mudanças causadas pelo contato entre diversos grupos, quando colocados em contato constante e direto (N.A.).

O Gana⁸ foi o primeiro “império negro” conhecido com maior exatidão, estava “situado ao norte das duas curvas divergentes do Senegal e do Níger” (KI-ZERBO, 1979, p. 134), a conversão do soberano e da sua corte, talvez, tenha sido o maior sucesso da intervenção muçulmana na região (HRBEK, 2010).

O mapa demonstra a localização do chamado “Império de Gana”.



Mapa 2: O Império de Gana

Fonte: COSTA, Ricardo da. A expansão árabe na África e os Impérios Negros de Gana, Mali e Songai (sécs. VII-XVI). In: NISHIKAWA, Taise Ferreira da Conceição. História Medieval: História II. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2009, p. 34-53. Disponível em: <http://www.ricardocosta.com/artigo/expansao-arabe-na-africa-e-os-imperios-negros-de-gana-mali-e-songai-secs-vii-xvi#sthash.b7q7DoaC.dpuf>. Acesso em: 22 de março de 2015.

Segundo Ivan Hrbek (2010, p. 94) outros soberanos da região se converteram ao islã antes da ascensão dos almorávidas,

aparentemente, ao longo do século V/XI, a dinâmica de um desenvolvimento anterior em numerosos Estados sudaneses entrou em uma fase na qual a ligação com o islã oferecia certas vantagens às classes dirigentes e a um grupo cada vez maior de comerciantes locais. Estas vantagens definiram-se ainda mais nos séculos seguintes, ao longo do período que acompanhou a ascensão dos grandes impérios sudaneses: aquele do Mali e dos songhay.

⁸ Conforme Ki-Zerbo (1979, p. 134): “O Gana’, diz-nos ele, ‘é chamado assim por causa do título dos seus soberanos’. Significava, portanto, qualquer coisa como *rei*, *sultão*. Pouco a pouco, o título real acabará por designar o próprio país”.

Quando o Gana inicia um processo de enfraquecimento, na região sul ascende um novo reino, o Madinga⁹ ou Mali. E é nas mãos do Mali que “fica todo o antigo império de Gana (exceto o extremo setentrional, controlado pelos berberes)” (COSTA E SILVA, 1992, p. 291).

Nas colinas dos mandingas, os chefes eram “caçadores afeitos ao uso de encantos mágicos. As confrarias de caçadores, ligadas por celebrações e ritos comuns, incluindo o rito prestigioso de iniciação, eram, com efeito, unanimemente admiradas e temidas” (KI-ZERBO, 1979, p. 164). Por este motivo os primeiros chefes usavam o título de *simbon*, isto é, mestre-caçador (KI-ZERBO, 1979).

O Império do Mali não tinha organização distinta a de seu antecessor, Gana, sobretudo nessa época, era, antes de qualquer coisa, um país agrícola, ou seja, “não era um estado unitário, nem homogêneo. Compreendia as mais diversas formas políticas, desde reinos e cidades-estado a aldeias que obedeciam a conselhos de anciães” (MONTEIL, 1967, p. 300). Os líderes destes grupos escolhiam um representante, o rei, ou *mansa*, que passava a ter sob sua administração todas as províncias, entretanto era apenas o representante e o executante escolhido pela comunidade dos *clãs*, que continuavam se representando no grande conselho (*ghara*), e decidiam sobre a guerra e sobre os impostos (KI-ZERBO, 1979).

Para Costa (2009, p. 39) esta maleabilidade diante dos diferentes grupos foi exatamente um dos segredos do Império de Mali, “única lógica possível em uma estrutura sem burocracia, além da tolerância religiosa”. Este sistema político maleável foi “imprescindível diante das dimensões territoriais que tinha alcançado e da diversidade de povos que englobava” (KERN, 2010, p. 12).

⁹ *Mandinga*: “Trata-se do nome étnico que inclui um extenso grupo de povos da África ocidental, falantes de línguas aparentadas, pertencentes ao grupo lingüístico Mande [...] (em várias línguas do grupo, a palavra *diula* significa “mercador itinerante”) [...]. Segundo sua tradição, os povos mandingas, construtores do grande império do antigo Mali, são originários da região do Manden, próxima a fronteira ocidental do Mali, no curso superior do rio Níger”. **Enciclopédia Brasileira da Diáspora Africana**, por Nei Lopes, 2004, p. 414”.

Sua forma de governo, assim como a importante localização, principalmente, na cabeceira dos afluentes e sistema fluviais, manteve o Império de Mali como centro do poder político na parte ocidental do Sudão¹⁰ por longo período.

Outra característica importante sobre o reino foi que mesmo diante da presença do islã a longa data, ainda, no século X, esta religião ainda era praticada em muitas áreas africanas de maneira bastante permissiva, os cultos animistas não foram eliminados, mas, ao mesmo tempo, os malineses da região central cumpriam as obrigações do islamismo, por isso denomina-se que no período de apogeu do Mali essa religião era denominado “islã de corte”, pois conforme Kern (2010, p. 5)

quanto ao Mali, particularmente, devemos afirmar que o maometanismo era fé geralmente urbana. Predominante entre as elites cortesãs ligadas ao estado, por isso foi chamado “islã de corte”, e entre os comerciantes soninquês e mandingas que percorriam seu interior. A população que vivia no campo permanecia ligada às crenças tradicionais.

2.1 O MALIE SEUS MANSAS

Até, por volta do século XII a formação do Mali é pouco conhecida, os primeiros relatos provém de Abu Bakr¹¹ que descreve a conversão do rei do Mali ao islã, Ki-Zerbo (1979, p. 166) apresenta que “trata-se talvez do Baramendana, sobre o qual Ibn Khaldun nos diz que foi o primeiro a converter-se graças ao pai de Abu Bakr (1050)”. Costa (2009, p. 47), relata que

a tradição conta que Baramendana estava desesperado por causa de uma longa seca. Então se dirigiu a um devoto que o levou a um monte para passar uma noite rezando. Pela manhã choveu, e o rei mandou destruir os ídolos animistas e se converteu ao Islamismo.

A partir de 1150 conhecemos os nomes de Hamana, de Djigui Bilali (1175-1200), e de Sundiata Keita, ou Mūsā Keita, também chamado Allakoi (Rei Leão) considerado o fundador do império em 1230, e governou até aproximadamente 1255

¹⁰ *Sudão*: a região onde surgiram os Reinos Gana, Mali e Songai foi denominada de Sudão pelos árabes, que significa “terra de negros”, portanto, uma localização bastante diferentes dos países Sudão do Sul e Sudão atuais (N.A.).

¹¹ Abu Bakr ou al-Bakri, foi um viajante e geógrafo muçulmano que escreveu um livro chamado *Descrição da África*, em 1087, importante descrição sobre a região estudada.

(KI-ZERBO, 1979). Sendo o Mali um conjunto de *clãs*¹², os seus representantes continuaram a

exercer o governo local, mas todos cederam o título de *mansa* – ou *mandimansa* – a quem na guerra os comandara [...] O seu rei terá também direito de ser chamado *mansa* e seu domínio manterão a autonomia dentro do império que se começava a criar. O do Mali (COSTA E SILVA, 1992, p. 291).

Sundiata foi responsável por expandir as fronteiras do reino e “durante seu mando forjaram-se as relações entre o poder central e as regiões vassalas” (KERN, 2010, p. 4).

O Mūsā Keita, pertencente a uma linhagem com mais de 100 anos de conversão ao Islã, fez “várias vezes a peregrinação, o que indicaria uma persistência da fé muçulmana pelo menos na família real, sem que haja nisso uma convicção muito profunda” (KI-ZERBO, 1979, p. 166).

Sundiata Keita é considerado por alguns historiadores europeus um ancestral mítico ou lendário, devida a tamanha importância dele na história tradicional do Mali, provavelmente, por isso que não aparece em relatos, como os de Ibn Battūta e de Ibn Khaldun¹³ (NIANE, 2010, p. 148), mas se sabe que foi “graças as conquistas de Sundiata Keita e seus sucessores, ele tornou-se *mansa* (imperador), tendo autoridade sobre vários reis” (NIANE, 2010, p. 178). O *mansa* Sundiata morreu ferido acidentalmente por uma flecha ou, conforme outra versão afogado no rio Sancarani (COSTA E SILVA, 1992).

Mansa Ulé (1255-1270), filho e sucessor de Sundiata Keita foi considerado rei muito piedoso que fez a peregrinação¹⁴ e foi responsável pela descentralização do império (KI-ZERBO, 1979).

¹² Durante seu reinado “Sundjata instituiu uma associação de trinta clãs (de artesãos, de guerreiros, de homens livres – que, no entanto, eram chamados de “escravos da coletividade”, os *ton dyon*)” (COSTA, 2009, p. 48).

¹³ Ibn Khaldun nasceu em Túnis em 27 de maio de 1332, também teve uma vida dedicada à erudição, ocupando vários cargos públicos em diferentes regiões sobre influência muçulmana. Escreveu *Os Prolegômenos: ou Filosofia Social*, escrito entre os anos de 1374 e 1378. Segundo a historiadora Elaine Senko (2011, p.5) depois de certo período de isolamento na região da Argélia, Ibn Khaldun volta para Túnis “levando consigo debaixo dos braços a obra que tanto desejava escrever desde a tenra juventude, resultado de sua própria vontade de pesquisar, de entender a História e as transformações que vivia a sociedade de seu tempo, a sua *Muqaddimah*”.

¹⁴ Conforme Costa e Silva (1992, p. 293) “a viagem a Meca de *Mansa* Uli pode ter-lhe sido ditada por exigência de uma profunda fé. Ou ter sido mero expediente político, para estabelecer melhor diálogo com os estados muçulmanos do outro lado do Saara e para ampliar seu prestígio entre os islamitas do Mali. Então só entre esses, pois tanto os maometanos quanto os pagãos acreditavam que a esta

Mansa Ulé foi sucedido pelo seu irmão Uati, “considerado rei medíocre, e este por outro irmão que acabou deposto e morto por revolta popular” (MONTEIL, 1967, p. 293), logo subiu ao poder por breve tempo, Abu Bacre ou Abubakar I, Sakura (1270-1285), neto de Sundiata.

Por volta de 1303, Abubakar II (1303-1312), também chamado de Muhamed, sobrinho de Sundjata, tornou-se *mansa* e ficou conhecido por suas tentativas de exploração do oceano Atlântico. Abubakar II recusava-se a acreditar que o mar não tivesse limites, por isso mandou equipar duzentos navios e os enviou numa viagem de exploração. A expedição fracassou e só voltou uma embarcação (KI-ZERBO, 1979).

O *mansa* decidiu insistir e mandou equipar “dois mil navios, metade dos quais com víveres e água. À testa desta armada, a primeira a tentar navegar para a América do Sul, tomou rumo a oeste, mas nunca mais o voltaram ver” (KI-ZERBO, 1979, p. 170). Entretanto, “antes do embarque, o rei transferiu o poder a *Mansa Mūsā*, filho ou neto de Abu Bacre” (COSTA E SILVA, 1992, p. 294).

Conhecido como um “fervoroso muçulmano que re-impulsionou a expansão do islã” (DRAMANI-ISSIFOU, 2010, p. 132). *Mansa Mūsā* (1312-1332), realizou, por volta de 1324 e 1325, uma peregrinação a Meca, “passando pelo Egito e com a intenção de maravilhar os soberanos árabes [...] sua peregrinação fez o Império de Mali ser conhecido por todo o mundo, e os mapas europeus passaram a citá-lo” (COSTA, 2009, p. 48).

Mansa Mūsā preparou a viagem com toda a particularidade demandada pela tradição, solicitando a todas as cidades mercantis e províncias apoio. No tempo em que ficou hospedado no Cairo, distribuiu ouro de tal forma que cotação metal baixou por muito tempo (NIANE, 2010).

O *mansa* e sua comitiva seguiram aos locais sagrados e quando retornou ao “Cairo, os mandingas continuaram a gastar. O *mansa* endividou-se, alguns dos credores o acompanhando ao Mali, para recolher o que lhes era devido” (COSTA E SILVA, 1992, p. 295).

A sua peregrinação teve

em Meca fortalecia o *baraca*, o poder propiciatório do rei, sua capacidade de influir favoravelmente sobre a terra e sobre o clima, sobre as colheitas e sobre o gado, sobre a fertilidade das mulheres e o bem-estar do povo”.

consequências bastante importantes para a subsequente história do Sudão ocidental, região que doravante passaria a ocupar a mente dos homens; Egito, Magreb, Portugal e as cidades mercantis da Itália interessavam-se cada vez mais pelo Mali (NIANE, 2010, p. 167).

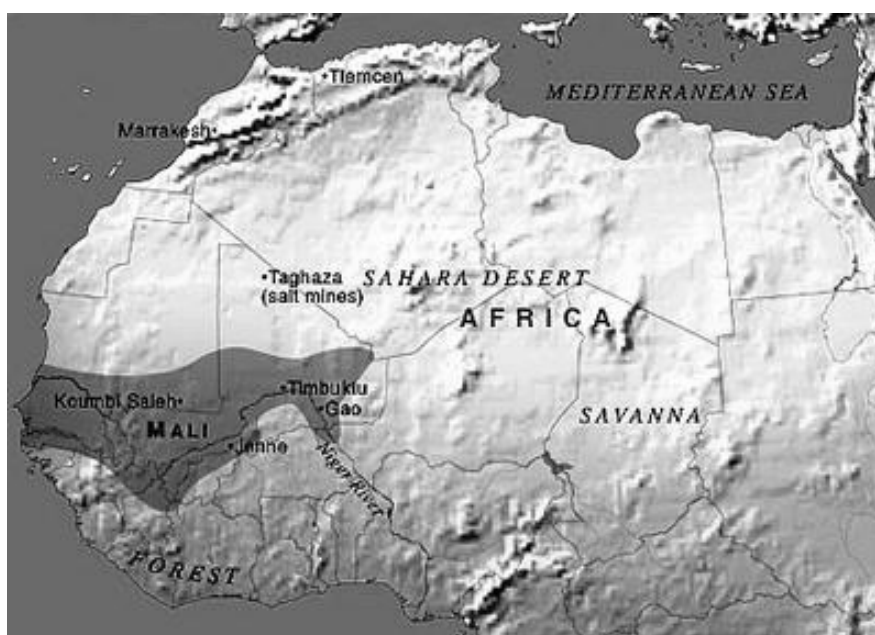
Durante sua viagem, talvez, o

Mansa Mūsā deve ter-se apercebido do isolamento do Mali, de sua posição marginal no mundo muçulmano, de sua timidez diante da novidade e da mudança. Daí o empenho em encorajar a expansão da cultura islâmica no império e em desenvolver o diálogo político com o Egito (COSTA E SILVA, 1992, p. 297).

Após sua peregrinação o soberano convidou a sua corte muitos homens de letras; ele mesmo era fluente no árabe, mas servia-se sempre de interpretes para falar. Quando retornou ao reino “*Mansa Mūsā* abriu escolas corânicas; comprara grande numero de livros nos lugares santos e no Cairo” (NIANE, 2010, p. 170).

Mansa Mūsā faleceu em 1337, após um quarto de século de reinado e os seus sucessores tiveram dificuldades de manter um território tão vasto (COSTA, 2009).

No mapa se observa a composição do chamado “Império Mali” e toda sua extensão.



Mapa 3: Império de Mali (século XIV)

Fonte: COSTA, Ricardo da. A expansão árabe na África e os Impérios Negros de Gana, Mali e Songai (sécs. VII-XVI). In: NISHIKAWA, Taise Ferreira da Conceição. **História Medieval: História II**. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2009, p. 34-53. Disponível em: <http://www.ricardocosta.com/artigo/expansao-arabe-na-africa-e-os-imperios-negros-de-gana-mali-e-songai-secs-vii-xvi#sthash.b7q7DoaC.dpuf>. Acesso em: 22 de março de 2015.

O filho de Mūsā foi seu sucessor, Maghan (1332-1336), que foi deposto por volta de 1336 pelo *mansa* Suleiman, irmão do *mansa* Mūsā (NIANE, 2010).

Mansa Suleiman (1341-1360) buscou dar continuidade a política modernizadora de *mansa* Mūsā, ao se esforçar em expandir o islamismo nas terras do Mali. Suleiman “mandou construir mesquitas, favoreceu as escolas corânicas, atraiu para as suas cidades homens santos e sábios muçulmanos, deu exemplo pessoal de devoção, zelo e piedade” (COSTA E SILVA, 1992, p. 302). Este *mansa* procurou ser rei islamita, no entanto “não pôde deixar de ser também um rei tradicional, e em torno dele mantinha-se a atmosfera que cercava a monarquia divina, da mesma forma que nas orações coletivas muçulmanas se imiscuíam ritos animistas” (COSTA E SILVA, 1992, p. 302). *Mansa* Suleiman, elevou as finanças do país, restabeleceu a autoridade do Mali sobre as províncias orientais periféricas e atraiu para o Mali sábios e juristas malekita (KI-ZERBO, 2010).

Mari Djata, ou Mari Diata II (1360-1374), sucedeu ao Suleiman, no entanto, se viu diante de uma corte dividida, “vários “clãs” políticos se haviam formado em torno dos príncipes que descendiam do *mansa* Mūsā I e do *mansa* Solimão; por outro lado, o “clã” Keita já não ocultava mais suas pretensões a coroa”. Somada as dificuldades o *mansa* sucumbiu à doença do sono¹⁵, e viu-se afastado do poder, sendo sucedido pelo filho *mansa* Mūsā II (1374-1387)” (NIANE, 2010, p. 165).

O rei Mūsā II foi uma espécie de rei sem poder e deixou seu primeiro-ministro dirigir o país (KI-ZERBO, 1979), “não obstante o fato de os governadores provinciais respeitarem cada vez menos a autoridade central, o império ainda conservaria seu prestígio por muito tempo” (NIANE, 2010, p. 166). Estas fraquezas se somaram as intrigas palacianas, provocadas pelas princesas, conturbaram o final do século XIV. “Depois de Mussa II, as rivalidades de palácio foram resolvidas por vezes com assassinos que enfraqueceram o império” (KI-ZERBO, 1979, p. 173). Após o século XIV, o Mali, entrou num período de decadência.

3 AS VIAGENS E A ERUDIÇÃO

¹⁵ *Doença do sono*: doença transmitida através da picada de uma mosca que ataca o sistema nervoso central e pode ser fatal (N.A.).

3.1 VIAJAR PELOS TERRITÓRIOS ISLAMIZADOS

As fronteiras expandiam, as culturas se somavam fato que dava aspecto extremamente diverso aos territórios sobre domínio muçulmano, mas a manutenção da unidade era necessária e garantida pela língua árabe. O árabe, portanto, “transforma-se no meio de expressão já não só daqueles que aceitavam o Islã, mas também de todos os que, por diferentes motivos, necessitavam utilizar-se dessa língua” (BISSIO, 2002, p. 33), seja para as relações comerciais como políticas.

Esta unidade linguística “permitia que os estudiosos e os teólogos se deslocassem de um extremo ao outro de Islã e que artistas e músicos trabalhassem nas diferentes cortes” (BISSIO, 2002, p. 34). Desta forma, era possível conhecer os *confins*¹⁶ do Islã, sem distanciar-se completamente do ponto de origem, conforme diz Bissio (2002, p. 166) “só os árabes foram capazes de percorrer o mundo sem deixar seu espaço”.

No entanto, o viajante torna-se sim um estrangeiro, e mesmo estando em terras que compartilham da mesma religião e língua o estranhamento ainda é forte, uma vez que mesmo se tornando muçulmanas as culturas originais dos povos africanos ainda permaneciam. Sendo assim,

o deslocamento proporciona-lhe a experiência do descobrimento, no aspecto individual do encontro subjetivo do *Eu interior* e no aspecto coletivo do encontro com indivíduos pertencentes a culturas diferentes [...] isto por que a afirmação da identidade do viajante exacerba-se na experiência do estranhamento, no contato com o *Outro* (MACEDO e MARQUES, 2008, p. 20/21, *grifo do autor*).

Estes encontros eram proporcionados e impulsionados pela obrigação da peregrinação, ou seja, para o muçulmano viajar era cumprir com um dos pilares da religião¹⁷, e durante estes percursos várias eram as experiências e muitas eram compartilhadas seja através da oralidade ou dos livros.

¹⁶ *Confim*: referência às extremidades do mundo do Islã (N.A).

¹⁷ *Pilares do islamismo*: são 5 mandamentos que todo muçulmano deve seguir, são eles: Testemunho da fé; Orações; Pagamento do *Zakat* (apoio aos necessitados); Jejum no mês do *Ramadam* e a Peregrinação à Meca (N.A).

As viagens proporcionavam grande conhecimento sobre os povos, dando ao viajante fama e status, muitas vezes elevados ao patamar de eruditos. Estes viajantes, portanto, “costumavam ir além, num esforço por apreender o máximo possível daquele espaço dominado pelo Islã” (BISSIO, 2002, p. 158). Desta forma é possível destacar que “os viajantes árabes eram homens sábios e buscavam refinamento religioso, seus textos refletem esta busca” (ALMEIDA, 2005, p. 105).

Viajar, peregrinar e tornar-se um erudito eram desejo e ambição presente na vida do muçulmano, conforme apresenta Bissio (2002, p. 145) “a viagem fez parte da vida dos letrados do mundo islâmico. A dedicação extrema à exigência da peregrinação aos lugares santos e a procura do reconhecimento da condição de homem erudito exigiam deslocamentos”.

Viajar, portanto, era destino e oportunidade de obter conhecimento

com a autoridade de provir das lições deixadas por Muhammad, à viagem como método de estudo foi, durante a Idade Média, assumida como um dever por todos os muçulmanos que aspiravam a integrar o círculo dos eruditos (BISSIO, 2002, p. 154).

Mas, mesmo atreladas a peregrinação estas viagens não estavam restritas as cidades sagradas Meca e Medina, ou seja, “a partir da península Arábica, o peregrino continuava sua experiência rumo à Ásia Central, à Índia e até a China” (BISSIO, 2002, p. 156). O próprio ato da peregrinação é um elemento de elevação não apenas espiritual, como também intelectual,

a peregrinação é uma travessia individual que desenvolve o “eu” interior dentro das possibilidades oferecidas pela vida e pela predestinação. É o intento de romper com a “cegueira” humana diante de suas potencialidades espirituais (ALMEIDA, 2005, p. 92).

O próprio livro sagrado da religião, o Corão, apresenta diversas descrições e recomendação aos viajantes, este “espírito” aventureiro estava presente

portanto, no universo dos muçulmanos desde os primeiros tempos. De um lado porque retomava a tradição pré-islâmica ainda presente no modo de vida de muitos deles e, por outro, porque respondia a comportamentos próprios de qualquer muçulmano comprometido com seus princípios e crenças (ALMEIDA, 2005, p. 84).

3.2 OBSERVAR E RELATAR

Sendo a viagem um elemento de grande importância para os muçulmanos, ler sobre estes percursos torna-se parte da iniciação ao conhecimento adquirido pelo viajante. Este destaque literário começa a ter evidência, segundo Bissio (2002, p. 170), já em meados do século X, surgindo a viagem “no interior dos domínios muçulmanos como tema literário, com descrições concretas e pessoais dos domínios islâmicos”. Sendo assim, o relato quando transferido para o papel era capaz de repassar “aos seus contemporâneos e conterrâneos que não viajavam uma noção da extensão de seu mundo cultural e legaram ao futuro a possibilidade de fazer uma viagem no tempo e pelo espaço” (ALMEIDA, 2005, p. 84).

No entanto, estes relatos prolongam sua importância para além do período em que foram escritos, podendo ser utilizados como ferramenta para estudo e compreensão de uma época ou de uma civilização. Sendo assim, “as *rihlat*¹⁸ tratam de um conhecimento acerca da vida humana dentro de sua organização, dentro de sua história e dentro de suas manifestações religiosas e morais; destacam as maravilhas e os costumes íntimos dos países distantes” (ALMEIDA, 2005, p. 89).

4 A RIHLA DE IBN BATUTTA

Dento do estilo literário chamado de *rihla*, neste estudo faremos uso do relato de Ibn Battūta, conhecido por “*A través del Islam*”, pois ao conhecer o relato de um viajante é possível conhecer a sua visão e compreensão sobre o *outro* e neste caso destacamos a descrição sobre o Mali, durante o reinado do *Mansa Suleiman*.

4.1 IBN BATTŪTA NO MALI

¹⁸ *Rihla*: viagem, périplo; gênero literário baseado nos relatos de viagem (N.A).

Ibn Battūta realizou diversas viagens ao longo de sua vida¹⁹, e foi em 1352, que atravessou os confins do Saara, e chegou ao Mali. No ano de 1353, Ibn Battūta, visita e descreve a capital do reino que nomeou de Mali, no entanto *Niani*²⁰ era a capital do Mali (NIANE, 2010). Ele visitou a corte e andou por todo império, relatou a grandeza do Mali em seu tempo (KERN, 2010, p. 10).

Ao entrar no “país dos negros” logo enaltece a grandiosidade do local, o viajante relata que *“allí pedí licencia a nuestro señor y me puse en camino com el designio de trasladame al país de los negros [Sudán]²¹, así llegué a la ciudad de Siyilmāsa, que es una de las más hermosas y abundante en excelentes dālites”* (Ibn Battūta, 1993, p. 767). Descreve inicialmente a cidade de Īwālātan que *“es el primer dominio del país de los negros [Sudán occidental]. Allí el gobernador en nombre del sultán es Farbā Husayn. Farbā significa <delegado>”*(Ibn Battūta, 1993, p. 770)²², e apresenta características do comércio local

los negros, procedentes de su país, llegan hasta aquí para trocar mijo por sal y una carga de este producto, en Īwālātan, se vende entre ocho y diez meticales de oro, pero en la ciudad de Māli [Malí] sube a veinte, treinta y hasta cuarenta meticales (Ibn Battūta, 1993, p. 767).

No entanto, aqui nos interessa, principalmente, as observações do viajante sobre o cotidiano e os costumes do povo, já sabemos que “a prosperidade alcançada pelo império do Mali no século XIV através da “política modernizadora” de Musa e Suleimā teve por traço fundamental o estreitamento do estado ao islā”

¹⁹ Na Introdução de “*A través del Islam*”, na versão utilizada neste estudo, em espanhol, os tradutores delimitam as viagens feitas por Ibn Battūta, aqui apresentamos em datas cristãs os itinerários do viajante: 1. Magreb (Tânger) – Egito (1325-1326); 2. Síria – Palestina (1326); 3. Primeira peregrinação a Meca (1326); 4. Iraque – Pérsia (1326-1327); 5. Segunda peregrinação a Meca (1327-1330); 6. Iêmen – Omã – África Oriental – Golfo Pérsico (1330-1331); 7. Terceira peregrinação a Meca (1331-1332); 8. Egito – Palestina – Síria (1332); 9. Ásia Menor – Rússia meridional – Constantinopla (1332-1334); 10. Constantinopla – Astarção – Saray (1334); 11. Juwārizm – Transoxiana – Jurasão – Afeganistão – Sind (1334-1335); 12. Chaga ao Sind (1335); 13. Índia (1342); 14. Malabar – Maldivas – Ceilão – Coromandel – Bengala – Malásia – Indonésia (1342-1346); 15. Viagem pela China (1346); 16. Viagem de retorno ao Marrocos: China – Indonésia – Índia – Oriente Médio – Meca – Norte da África (1347-1348); 17. Viagem por Al-Andaluz (1350); 18. Viagem ao Mali (1352-1353). Os viagens de Ibn Battūta, segundo estimativas de estudiosos de sua obra, abrange 120 mil quilômetros e o território de 44 países (conforme divisão de fronteiras atuais).

²⁰ Segundo Costa e Silva (1992, p. 154/155): “O problema da localização da capital do Mali preocupou durante muito tempo os historiadores; surgiram numerosas hipóteses ate que Maurice Delafosse conseguiu fazer uma leitura correta do manuscrito de al-‘Umarī . Foi este texto que permitiu conhecer o nome exato da capital do Mali”.

²¹ *Sudán ou Sudão*: refere-se à África ocidental, conforme já explicado na nota de rodapé 8 (N.A).

²² Os trechos do texto utilizado foram transcritos neste estudo, da mesma forma e idioma que consta na fonte que se teve acesso.

(KERN, 2010, p. 11). Por isso é possível destacar a descrição dos relatos das festividades religiosas do *Ramadã*, por ele presenciada e descrita como “*cómo el rey cumple la oración en los días festivos y solemnes*” (Ibn Battūta, 1993, p. 778), segundo Kern (2010, p. 6) “sua descrição é um rico exemplo do processo de africanização do islã”.

Battūta dizia que o *mansa* celebrava com toda a solenidade as grandes festas muçulmanas, e assim testemunhou “o grande fervor religioso no Mali, e as celebrações com uma pompa sem igual” (KI-ZERBO, 1979, 175), ele destacou que “*durante mi estancia en Mālli tuvieron lugar las dos fiestas del Sacrificio y de fin de Ramadán*” (Ibn Battūta, 1993, p. 779).

Segundo o viajante “quem não se dirigia bem cedo à mesquita não encontra lugar para fazer as suas preces, tão grande é a multidão” (KI-ZERBO, 1079, p. 163). O povo local trazia esmero em suas vestes, pois eles buscavam “*vestirse com buenas ropas blancas los viernes*” (Ibn Battūta, 1993, p. 784).

As cerimônias eram realizadas no idioma da religião, mas “um intérprete traduzia em malinqué o sermão do pregador” (KI-ZERBO, 1979, p. 175). Inclusive o estudo do livro sagrado era de grande consideração, segundo Battūta “*su gran atencións en el aprendizaje del venerado Corán*” (Ibn Battūta, 1993, p. 767). “para obrigar as crianças a aprenderem o Alcorão, não se hesitava em pô-las a ferros” (KI-ZERBO, 1079, p. 175).

Entretanto, a religião ficava quase que restrita à corte, pois os cultos animistas nunca deixaram de existir, pois se deve lembrar que o *mansa* era “muçulmano, mas não pode deixar de ser um rei tradicional, e em torno dele cercava-se a atmosfera que cercava a monarquia divina, da mesma forma que nas orações coletivas muçulmanas se imiscuíam ritos animistas” (COSTA E SILVA, 2006, p. 337)”.

Ibn Battūta escandalizou-se com algumas praticas religiosas, segundo ele o que se passava na corte dos *mansa* era pouco diferente do que se poderia observar na corte de reis não-muçulmanos, por exemplo “*el que muchos de ellos coman carroñas, perros y burros*” (Ibn Battūta, 1993, p. 784), sendo assim os malineses estavam ingerindo carnes consideradas impuras pelo islã. Os “sacerdotes (*dyeli*) com máscaras de aves praticavam ritos animistas na corte e viam-se aí também dois

carneiros que tinham por função neutralizar o “mau-olhado” (KI-ZERBO, 1979, p. 175).

Dentre as práticas tradicionais, Ibn Battūta apresenta a presença dos *griots* e o “estilo bufonil com que los poetas recitan ante el rey (Ibn Battūta, 1993, p. 780), o *griot* “recitava” a história, recordando a lista dos reis e as proezas destes segundo ele, sendo assim, a tradição oral então exultava,

el día de la fiesta, tras haber Dūgā concluido sus juegos, comparecen los poetas, a los que llaman Yūlā y en singular yālī [...] Se plantan ante el soberano de esta guisa tan risible y recitan sus composiciones. Me contaron que los poemas son una especie de exhorto en el cual dicen al sultán [...] Se me informó que ésta es costumbre antigua entre ellos, anterior a la adopción del Islam y mantenida posteriormente (Ibn Battūta, 1993, p. 780)

Outro elemento que se destaca na *rihla* é o poder e prestígio dado ao rei, ao fazer “*mención del sultán de Mālli*” o viajante apresenta que “*el rey es Mansà Sulaymān. Mansà significa <sultán> y Sulaymān es su nombre*” (Ibn Battūta, 1993, p. 775), “o *mansa* estava acima de todos. Era mais do que humano e, por isso, comia em segredo. Jamais alçava a voz ou se dirigia diretamente aos súditos” (COSTA E SILVA, 1992, p. 302). Ibn Battūta dizia que “*los negros son la gente más sometida a su soberano y la que más se humilla ante él. Hasta juran por su nombre, diciendo Mansà Sulaymān Kī*” (Ibn Battūta, 1993, p. 778).

O *mansa* exercia seu poder em diversas áreas, ele realizava “*las audiencias en su pabellón* (Ibn Battūta, 1993, p. 776), e “ele próprio examinava as queixas dos seus súditos. Nada escrevia, mas dava ordens de viva voz. Contudo, dispunha de *cádis*, de secretários, de locais” (KI-ZERBO, 1079, p. 177).

Em suas “*sesiones de audiència*” (Ibn Battūta, 1993, p. 776) “os súditos abordam o *mansa* com humildade; cobrindo-se de poeira e dizendo-lhe *Nfa Mansa*, “Senhor, meu pai” (KI-ZERBO, 1979, p. 171). Estas audiências possuíam um protocolo rigoroso, sendo assim, “*cuando habla el rey, en la audiencia, los presentes se quitan los turbantes y callan ante sus palabras [...] Si el sultán acepta lo dicho como cierto o se lo agradece, el hombre se desnuda y cubre de polvo, lo que entre ellos es signo de buena educación*”. (Ibn Battūta, 1993, p. 778).

Seu poder, também, se estendia aos líderes dos clãs, pois nas regiões, onde era representado pelos governadores, “se estes cometem atos injustos, em principio são destituídos tão logo o *mansa* seja informado” (KI-ZERBO, 1979, p. 171).

Seus domínios se estendiam a longa distância e sobre diferentes povos, pois diz Battūta que

auna distancia de diez jornadas de Īwālātan llegamos al poblado de Zāgari, que es grande y en el cual habitan mercaderes negros llamados Wan̄yarāta y com ellos una comunidad de blancos²³ pertenientes a la secta ibādī, de los jāriȳtes, denominados saganagū [...] “En estas dos poblaciones hay sendos régulos sometidos a la obediencia del rey de Mālli (Ibn Battūta, 1993, p. 773).

Porém, mesmo diante de todo cerimonial, Ibn Battūta relata que

los negros odiaban a Mansà Sulaymān por su tacañería²⁴. Antes de él reino Mansà Magā y com anterioridad, Mansà Mūsā²⁵ que fue persona generosa y pía. Quería a los blancos y les favorecía y fue él quien en un solo día regalo cuatro mil meticales a Abū Ishāq as-Sāhilī (Ibn Battūta, 1993, p. 782-783).

Mas, mesmo sendo chamado de avaro, o soberano oferecia frequentes banquetes à multidão, proporcionado, principalmente, pela grande riqueza agrícola. E foi após participar de um banquete na corte que Battūta apresenta, segundo ele, um defeito dos malineses. Ao ser convidado, “*yo me negué a asistir, pero mis amigos porfiaron de tal manera que fui en compañía de los otros*” (Ibn Battūta, 1993, p. 770). E logo

los presentes bebieron y marcharon. Entonces dije a mis acompañantes: <Para esto nos ha invitado el negro?>. Y me respondieron: <Sí, es la mejor muestra de hospitalidad entro ellos>. En esse momento tuve la certidumbre de que nada bueno se podía esperar de tal gente y quise regresar com los peregrinos de Īwālātan (Ibn Battūta, 1993, p. 770).

No entanto na continuidade de sua viagem Ibn Battūta destaca a hospitalidade diante dos peregrinos, pois

cuando alguien se pone en viaje le siguen sus siervos y esclavas portando sus cobertores y vasijas para comer y beber, hechas de calabaza. el viajero en esas regiones no lleva provisiones [...] Al llegar a uma aldea acuden al viajero las mujeres de los negros com mijo, leche agria, gallinas (Ibn Battūta, 1993, p. 773).

²³ Ibn Battūta coloca o termo “branco” para definir a si mesmo e todos aqueles oriundos de regiões exteriores aos “reinos negros” por ele descritos (N.A).

²⁴ Ibn Battūta apresenta esta característica do mansa por repetidas vezes entre elas: “*Es un rey avariento del que no se puede esperar regalo de valor*” (Ibn Battūta, 1993, p. 775).

²⁵ “*Este rey extendió sus dominios sobre gran parte del Africa occidental (1312-1337), hizo la peregrinación a La Meca (1324) y allí conoció al granadino as-sāhili, a quien llevé consigo al Sudán*” (Ibn Battūta, 1993, p. 782).

Outro hábito que Ibn Battūta demonstra grande surpresa foi sobre o comportamento e presença das mulheres na corte. O viajante diz que a esposa do rei era chamada de Qāsā, e “*además participaba del poder com su marido, según es habitual entre los negros, hasta el punto de que se mencionaban los nombres de ambos, juntos, en la oración del viernes*” (Ibn Battūta, 1993, p. 781/782). Para grande escândalo de Ibn Battūta “*allí es costumbre cuando entran mujeres a presencia del rey que se despojen de sus vestidos y comparezcan desnudas*” (Ibn Battūta, 1993, p. 782).

A influência exercida pelas mulheres também é destacada pelo viajante ao informar sobre a descendência e herança, segundo ele “*los hombres nunca tienen celos de sus mujeres, ni toman el nombre de su padre sino el de su tío materno*” (Ibn Battūta, 1993, p. 771), ou seja, “nos esquemas sucessórios matrilineares o herdeiro é sempre o filho mais velho da irmã do falecido chefe. Ficando sempre as propriedades e o poder dentro do clã materno, que asseguraria a ligação sanguínea entre os parentes” (SANTOS, 2013, p. 40).

O estranhamento de Ibn Battūta se dá diante da tradição islâmica que se baseia nos moldes de sucessão patrilinear, por isso a herança matrilinear “pareciam incompreensíveis e mesmo inaceitáveis” (MACEDO e MARQUES, 2008, p. 33). Sendo assim, Battūta coloca que as “*sus mujeres hermosas y más consideradas que los hombres*” (Ibn Battūta, 1993, p. 771).

A relação e convívio entre homens e mulheres chama atenção de Ibn Battūta:

Sin embargo, los massūfies son musulmanes y cuidadosos de practicar las oraciones, aprender la ley religiosa y estudiar el Corán, pero sus mujeres no tienen recato alguno ante los hombres, ni se velan pese a cumplir fielmente com los rezos. Quien quiera puede desposarlas pero ellas no viajan com su esposo y si alguna lo pretendiera sus familiares se lo impeirían. Allí las mujeres tienen amigos y compañeros extraños y del mismo modo los varones mantienen amistades com mujeres ajenas a la familia, así, por ejemplo, un hombre entra en su casa y encuentra a su esposa en compañía de un amigo y no desaprueba tal conducta (Ibn Battūta, 1993, p. 771).

Ibn Battūta, relata com desprezo sobre uma visita que fez a um *cádi* e encontrou uma mulher que por este homem foi identificada como uma amiga:

Cierto día entré a casa del cádi de Īwālātan tras haberme él autorizado y le encontré en compañía de una mujer muy joven [...] El juez me dijo: <Por qué te vas a ir? Es amiga mía>. Tal comportamiento me dejó perpejo, porque este hombre es un alfaquí y ha peregrinado a La Meca (Ibn Battūta, 1993, p. 771).

Maior repulsa causou ao viajante ao questionar sobre o ocorrido e lhe foi dito “*La amistad de hombres y mujeres entre nosotros está bien vista y no tiene nada de sospechoso. Además, nuestras mujeres no son como las vuestras*” (Ibn Battūta, 1993, p. 772).

Na sequência Ibn Battūta faz uma divisão no relato de sua *rihla* descrevendo “*virtudes y defectos de los negros, a mi entender*” (Ibn Battūta, 1993, p. 782).

Dentre os defeitos, o que mais escandaliza o viajante é que

que las mujeres todas entren desnudas y sin velo en la cara a presencia del rey, cuyas hijas también van sin ropa alguna. En la noche del veintisiete de Ramadán vi unas cien esclavas que salían con la comida del palacio desnudas. Y com ellas dos de las princesas, adolescentes, sin velo (Ibn Battūta, 1993, p. 784).

Por outro lado

sus buenas cualidades se cuentan: Lo raros que son allí los abusos. Se trata de la gente más lejana a la injusticia y su rey no perdona a nadie el más mínimo desliz. La total seguridad existente en sus territorios, de manera que ni viajeros ni lugareños tienen que temer a ladrones o salteadores. El respeto hacia las riquezas de los blancos que fallecen en sus tierras, por enormes tesoros que sean, pues lo depositan en manos de algún blanco de confianza hasta que se hagan cargo los legítimos herederos (Ibn Battūta, 1993, p. 782).

A prática religiosa, também, é apresentada como elemento qualificado dos malineses, para Battūta

Su exactitud en los rezos, junto a la asiduidad con que practican las reuniones de la comunidad, así como el hecho de que pegan a sus hijos si faltan. Los viernes la persona que no madruga para acudir a la mezquita no encuentra dónde rezar por el mucho gentío presente. Acostumbran despachar a los esclavos por delante a extender sus alfombras en lugar apropiado y esperarles hasta que el amo acude a la mezquita (Ibn Battūta, 1993, p. 782).

Sendo assim, Ibn Battūta apresenta de forma bastante explícita suas conclusões sobre o Mali, e finaliza seu relato:

Aquí acaba la narración de mis viajes, llamada Regalo de curiosos sobre peregrinas cosas de ciudades y viajes maravillosas, cuyo dictado y anotación se han completado el tercer día de de Dū I-Hiyya del año 756 H. [9/13 de dic. de 1355 de J.C.]. ¡Loado sea Dios y la paz sobre aquellos de sus servidores elegidos » [Corán. XXVII, 60]. (Ibn Battūta, 1993, p. 793).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Logo após a morte de Maomé (*Muhammad*), os seguidores do islamismo se ocuparam em se expandir por diversos territórios, já a partir do século VII alcançaram o continente africano. Ali deram início a um processo de conversão de povos, alcançando principalmente seus líderes e a corte, influenciando os reinos na área política, administrativa e claro na religião. Entretanto, também foram influenciados pelos povos locais, resultado do convívio e das trocas culturais provindos de uma coexistência tão intensa e duradoura que se chegou ao ponto de ser considerado por historiadores um processo de “islamização da África” ou “africanização do Islã”, informação que é, por exemplo, reforçada por Dramani-Issifou

o desafio era imponente. Tratava-se, nada mais nem menos, de uma mudança de mentalidade, de concepção, de representação do mundo, de comportamento. Tratava-se de trocar a sua cultura pela de outrem, em suma, ser outro”, sendo assim, a África Mediterrânea “islamizou-se e pôs-se a se arabizar (2010, p. 139).

Desta forma, o islamismo se instalou e consigo levou o idioma próprio dos povos que seguem a religião, o árabe. A universalidade da língua proporcionava que os viajantes conhecessem os diferentes territórios de alcance do islã e que de alguma forma encontrassem alguma identificação. Porém, mesmo nestas condições o estranhamento também acontecia, pois mesmo onde a corte estava convertida ao islã, os reinos africanos mantinham suas práticas religiosas, como por exemplo, o culto animista.

E, esta relação de identificação e estranhamento simultânea aconteceu com Ibn Battūta ao andar por longos anos pelas regiões sob influência do islã, e ao retornar para a sua terra natal as expressou ditando²⁶ suas memórias, que compôs o livro “*A través del Islam*”. Entre os diversos relatos apresentados pelo viajante, neste estudo se fez opção de analisar o conhecimento sobre os povos do “*país de los negros*”, como é chamado pelo autor, em específico o Mali. Ali Battūta conheceu o

²⁶ Percebe-se que a prática de ditar era comum na sociedade islâmica, conforme Bissio (2012, p. 14), “o livro foi ditado ao erudito andaluz Ibn Juzayy, poeta da corte meríndia de Fez”.

governo do *Mansa Suleiman*, que governou aproximadamente 15 anos depois da morte do conhecido *Mansa Mūsā*.

Ao andar pelo Mali, Ibn Battūta, viu e registrou muito do cotidiano, da religiosidade, dos hábitos e das pessoas que na região habitavam. E, talvez, ao escolher conhecer um reino africano de longa data já islamizado, ele poderia ter diversas expectativas que provavelmente não foram satisfeitas. Em parte, por que, embora islamizado, o império do Mali funcionava mesclando hábitos e leis anteriores à presença do islã. A presença dos *griots*, o uso de máscaras de animais e até mesmo o consumo de carnes proibidas foram relatadas pelo viajante.

Mesmo assim, Battūta destaca a esforço da corte em praticar os cultos islâmicos, segundo ele os “povos negros” se esforçavam em estudar e ensinar as crianças sobre o livro sagrado, o Corão, assim como comparecer as orações com regularidade e fazer a peregrinação.

Entre as diversas situações relatadas com certa decepção pelo viajante destacasse a liberdade e o comportamento da mulher malinesa, pois ao sair de uma sociedade patrilinear Battūta não compreendeu e subjugou a participação feminina no Mali, que muito antes da chegada do islã era uma sociedade matrilinear, onde a sucessão no poder e herança eram definidas pelos descendentes de origem materna. E, mesmo depois de leis locais serem redefinidas conforme as determinações islâmicas a sociedade continuou matrilinear e as participações femininas na corte mantiveram seu prestígio diante dos malineses.

E, assim Battūta enumerou e classificou o que segundo sua compreensão seria os bons e os maus hábitos dos malineses, onde as que ele criticava eram inclusive caracterizadas como costumes repetidos em cortes não islamizadas, fato que parece demonstrar certa decepção do autor, pois conforme afirma Macedo e Marques (2008, p. 20)

ao narrar ou registrar o que viu, ouviu ou pensou a respeito do desconhecido, ele estabelece uma seleção de informações, dividindo-as, hierarquizando-as, enfatizando certos aspectos e minimizando outros, avaliando, julgando e, sobretudo, enquadrando o visto a partir de suas próprias vivências.

Em dado momento, por exemplo, o viajante demonstra arrependimento de ter entrado no território Mali e relata o hábito dos homens falarem dos outros “por trás”:

“Iwālātan es el primer dominio del país de los negros [Sudán occidental]. Allí el gobernador en nombre del sultán es Farbā Husayn. Farbā significa <delegado>”[...] En esse instante me arrepentí de haber ido a tal país, por los malos hábitos de comportamiento de sus habitantes y su desdén para com os blancos²⁷” (Ibn Battūta, 1993, p. 770).

Ainda, ao sair do Mali, Battūta relata a seguinte situação: *“Cierta día bajé al Nilo para cumplir una necesidad y he aquí que un negro vino y se plantó entre el cauce y yo. Quedé espantado de su mala educación y desverganza y referí el asunto a algunas personas”* (Ibn Battūta, 1993, p. 774), logo depois foi esclarecido que o homem ficou por perto, pois o Nilo é infestado de crocodilos e ele poderia ser atacado, no entanto, o viajante ainda relata com desprezo e classifica como “falta de educação”.

Desta forma, é preciso perceber que os relatos de Ibn Battūta demonstram muito mais do que apenas registrar dados e fatos, e sim apresentar a sua interpretação sobre o *outro*, ou seja, aquele que por ele até então era desconhecido, mas que a autor já poderia apresentar imagens pré-concebidas, que poderiam se confirmar ou não. Ou seja, mesmo angariando informações sobre o território e povo que conheceria ou inspirado pelas histórias contadas sobre o *Mansa Mūsā*, estas não suprem o resultado do contato real, que gera novas concepções e novas expectativas.

Conforme é apresentado na *Introdução* pelos editores da segunda edição do *A través del Islam*

Y quizá fuera la escasa larguza de los negros del Malí, más que un fondo racista tal como se concibe hoy día, lo que le induce a abominar de ellos y dedicarles párrafos nada favorables para su autor, aunque quepa en su descargo la consideración de partir de supuestos culturales y de comportamiento muy diferentes de los que vivían los vituperados, cuyos criterios sencillamente no comprendía (Ibn Battūta, 1993, p. 31).

Para melhor compreender a postura de Ibn Battūta usamos a explicação de Todorov (apud SANTOS, 2009, p. 7, *grifo meu*), pois em

um julgamento de valor (um plano axiológico): o outro é bom ou mau, gosto dele ou não gosto dele, ou, como se dizia na época, *me é igual ou me é inferior* (pois, evidentemente na maior parte do tempo, sou bom e tenho auto-estima). Há, em segundo lugar, a ação de aproximação ou de distanciamento em relação ao outro (um plano praxiológico): adoto os valores do outro, identifico-me a ele; ou então assimilo o outro, impondo-lhe

²⁷ Nesta citação é possível confirmar a explicação da nota de rodapé 23, sendo assim Ibn Battūta se apresenta como “branco” para definir a si mesmo (N.A).

minha própria imagem; entre a submissão ao outro e a submissão do outro há ainda um *terceiro termo que é a neutralidade, ou indiferença*.

Sendo assim, o ato de viajar proporcionou um processo de descobrimento individual, ou seja, o encontro do *eu*, dado principalmente pelo estranhamento, durante o contato com este *outro*. E da mesma forma,

o viajante ao mesmo tempo que constrói uma imagem de si no discurso, constrói uma imagem para aqueles que serão os receptores do relato, selecionando e excluindo informações, adaptado o estilo e os conteúdos. E o espelho do receptor funciona da mesma forma (MORAIS E SILVA, 2011, p. 8).

Diante das informações coletados do viajante e todo o levantamento historiográfico sobre a região estudada, é possível perceber que mesmo passando pelo processo de islamização as tradições africanas foram preservadas e em muito influenciaram os ditos “conquistadores”, proporcionando tão grande diversidade cultural que não poderia ser comparada e igualada a qualquer outro reino conhecido.

Entretanto, ainda fica pendente para próximas pesquisas compreender ainda mais sobre as motivações para a viagem de Ibn Battūta, ou seja, quais fatores determinaram a sequência de lugares, assim como o seu tempo de permanência, para assim estabelecer o que realmente Ibn Battūta sabia sobre os locais visitados e como estas informações prévias influenciaram em suas impressões relatadas.

Igualmente alguns conceitos ficam pendentes de explicação como, por exemplo, a referência que Ibn Battūta faz a si mesmo como “branco”, ou seja, qual seria a sua referência ou concepções que poderiam partir do fato de se reconhecer como “branco” e se classificar como “superior” ou “civilizado” diante dos negros. Por isso, neste estudo se fez a opção de não debater passagens que o autor descreve a existência de “canibais” ou “seres humanos com características bestiais” nas redondezas do Mali, que ele não encontrou, mas ouviu diversas histórias e as relatou. Em suma, ainda são muitas as possibilidades de estudo para maior conhecimento de uma obra e feitos tão vultosos como os de Ibn Battūta.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Maria Cândida Ferreira de. **Palavras em viagem**: um estudo dos relatos de viagens medievais muçulmanos e cristãos. *Afro-Ásia*, 32 (2005), 83 – 114. Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=77003203>. Acesso em: 27 de março de 2015.

BATISTA NETO, Jônatas. **Aspectos das Viagens Medievais**: obstáculos e perigos. *Rev. hist.*, São Paulo, Nº119, 1988, pp. 179-197). Disponível em: www.revistas.usp.br/revhistoria/article/download/18579/20642. Acesso em: 22 de março de 2015.

BATTŪTA, Ibn. **A través del Islam**. Madri: Alianza editorial, 1993.

BISSIO, Beatriz. **O mundo falava árabe**: a civilização árabe-islâmica clássica através da obra de Ibn Khaldun e Ibn Battuta. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

_____. **Percepções do espaço no medievo islâmico (séc. XIV)** - o exemplo de Ibn Khaldun e Ibn Battuta. 2008. Tese (Doutorado em História) - Universidade Federal Fluminense. Rio de Janeiro, 2008. Disponível em: http://www.historia.uff.br/stricto/teses/Tese-2008_BISSIO_Beatriz_Juana-S.pdf. Acesso em: 22 de março de 2015.

CORREA, Sílvio Marcus de Souza. **Outros tempos, outros lugares**: a história sob o olhar dos viajantes. *Aedos*. Revista do corpo discente do Programa de Pós-graduação em História da UFRGS. Julho/dezembro de 2008. Universidade Federal do Rio Grande do Sul - ISSN 1984-5634.

COSTA E SILVA, Alberto Da. **A enxada e a lança**: a África antes dos portugueses. – Rio de Janeiro: Nova Fronteira; São Paulo: EDUSP, 1992.

COSTA, Ricardo da. A expansão árabe na África e os Impérios Negros de Gana, Mali e Songai (sécs. VII-XVI). *In*: NISHIKAWA, Taise Ferreira da Conceição. **História Medieval: História II**. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2009, p. 34-53. Disponível em: <http://www.ricardocosta.com/artigo/expansao-arabe-na-africa-e-os-imperios-negros-de-gana-mali-e-songai-secs-vii-xvi#sthash.b7q7DoaC.dpuf>. Acesso em: 22 de março de 2015.

DRAMANI-ISSIFOU, Zakari. O Islã como sistema social na África, desde o século VII. In: Mohammed El Fasi. **História geral da África, III: África do século VII ao XI**. Brasília: UNESCO, 2010. p. 113-142.

FASI, Mohammed El. **História geral da África, III: África do século VII ao XI**. Brasília: UNESCO, 2010.

HRBEK, Ivan. A difusão do islã na África, ao Sul do Saara. In: Mohammed El Fasi. **História geral da África, III: África do século VII ao XI**. Brasília: UNESCO, 2010. p. 88-112.

LOPES, Nei. **Enciclopédia da diáspora Africana**. São Paulo: Selo Negro, 2004.

KHALDUN, Ibn. **Autobiografia**. In: **Muqaddimah – Os prolegômenos (tomo I)**. Tradução integral e direta do árabe por José Khoury e Angelina Bierrenbach Khoury. São Paulo: Instituto Brasileiro de Filosofia, 1958.

_____. **Muqaddimah – Os prolegômenos (tomo II)**. Tradução integral e direta do árabe por José Khoury e Angelina Bierrenbach Khoury. São Paulo: Instituto Brasileiro de Filosofia, 1959.

_____. **Muqaddimah – Os prolegômenos (tomo III)**. Tradução integral e direta do árabe por José Khoury e Angelina Bierrenbach Khoury. São Paulo: Instituto Brasileiro de Filosofia, 1960.

KERN, Gustavo da Silva. **Relações entre o islamismo, à estrutura do estado e a hegemonia do Mali na África Negra durante o século XIV**. Disponível em: <http://www.casadasafricanas.org.br/wp/wp-content/uploads/2011/09/Relacoes-entre-o-islamismo-a-estrutura-do-estado-e-a-hegemonia-do-Mali-na-Africa-Negra-durante-o-seculo-XIV.pdf>. Acesso em: 21 de maio de 2015.

_____. **Relações entre o islã e as estruturas do estado no Mali (Séc. XIII-XIV)**. Revista Historiador Especial, Número 1. Ano 3, Julho de 2010.

KI-ZERBO, Joseph. **História da África Negra I**. Lisboa: Publicação Europa-América, 1979.

MACEDO, José Rivair; MARQUES, Roberta Pôrto. **Uma Viagem ao Império do Mali no Século XIV: O Testemunho da Rihla de Ibn Battuta (1352-1353)**. Ciênc. let., Porto Alegre, n. 44, p. 17-34, jul./dez. 2008. Disponível em: <http://www.fapa.com.br/cienciaseletras>. Acesso em 17 de outubro de 2014.

MENEZES, Rafael Farias de. **A inserção da África Islâmica nas Rotas da Seda: o testemunho de Ibn Battuta, o tangerino (século XIV)**. ANPUH – XXIII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – Londrina, 2005. Disponível em: <http://anpuh.org/anais/?p=14128>. Acesso em: 07 de janeiro de 2015.

MONTEIL, Vincent. **O islão na África negra**. DIRETOR DO INSTITUT FONDAMENTAL D'AFRIQUE. NOIRE – DACAR. O presente trabalho foi lido por Vincent Monteil, no Centro de Estudos Afro-Orientais, em 11 de setembro de 1967, como parte das comemorações do oitavo aniversário de fundação do CEAO. In: *Africana Studia*, nº 8, 2005. Edição Faculdade de Letras da Faculdade do Porto. p 165-187. Disponível em: http://www.africanos.eu/ceaup/uploads/AS08_167.pdf. Acesso em: 02 de outubro de 2014.

MORAIS E SILVA, Bruno Rafael Vêras de. **Périplo e representação: Ibn Battuta e a retórica da alteridade na África do século XIV**. XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais – Diversidades e (Des)Igualdades. Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011. Universidade Federal da Bahia (UFBA). Disponível em: http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1371316270_ARQUIVO_TextoVE RAS,B.R.RepresentacaoeliteraturadeviagensanalisaandoaRihladeIbnBattuta-sec.XIV.pdf. Acesso em: 02 de outubro de 2014.

NIANE, Djibril Tamsir. **Relações e intercâmbios entre as várias regiões**. In: KI-ZERBO, Joseph (coord). **História geral da África, IV: África do século XII ao XVI**. Brasília : UNESCO, 2010.

RODRIGUES, Rosiane. **A nação do branco: Sínteses e hibridismos: As possíveis heranças africanas no culto islâmico**. Revista da ABPN. v. 3, n. 6 • nov. 2011 – fev. 2012 • p. 131-146. Disponível em: <http://www.abpn.org.br/Revista/index.php/edicoes/article/view/211/154>. Acesso em: 13 de outubro de 2014.

SANTOS, Beatriz Carvalho dos. **Entre mouros e cristãos: os mandingas da “Guiné de Cabo Verde” (Séc. XVI e XVII)**. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal Fluminense, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Departamento de História, 2013. Disponível em: <http://www.historia.uff.br/stricto/td/1688.pdf>. Acesso em: 10 de abril de 2015.

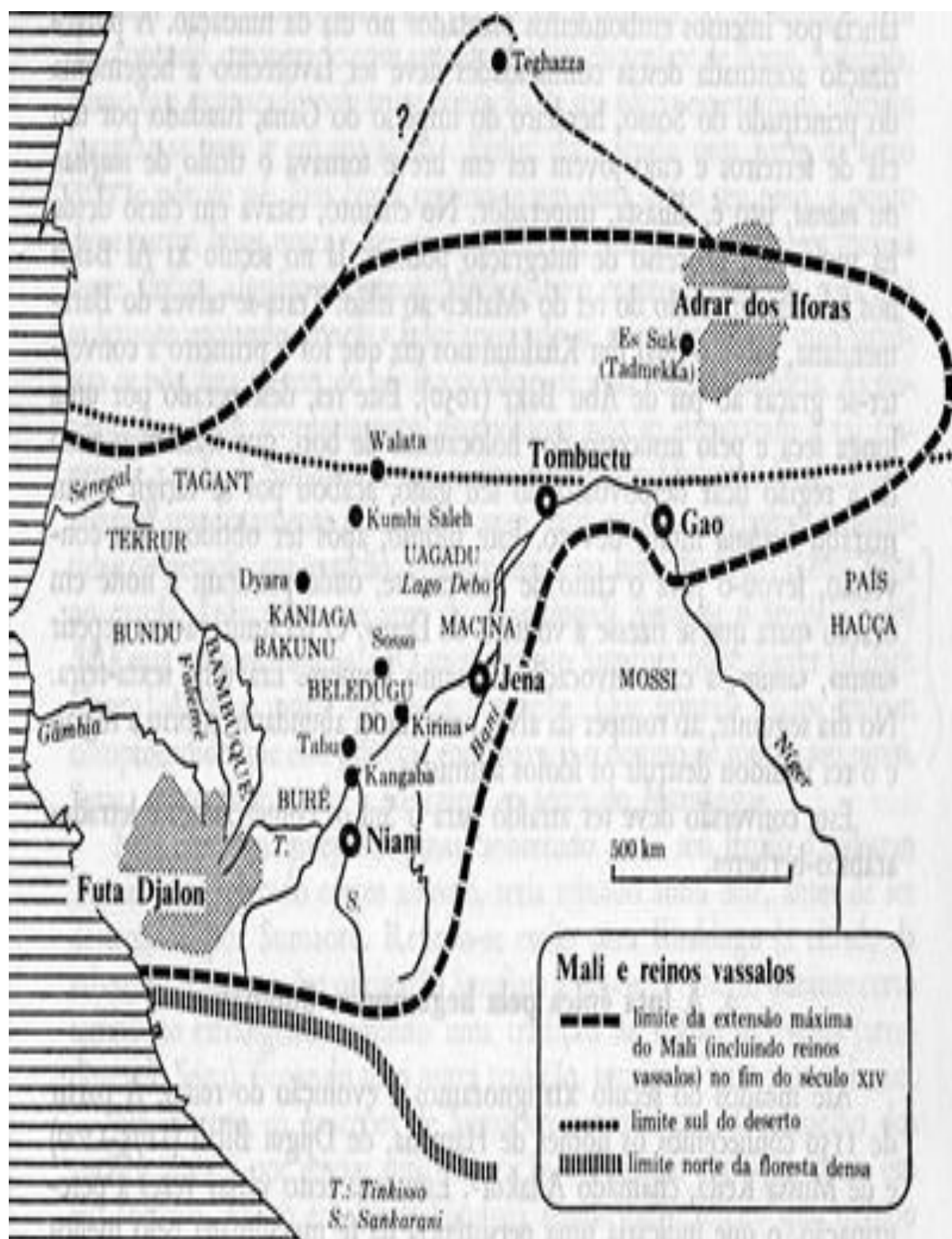
_____. História da África e Literatura: os relatos de viajantes e sua utilização como fonte histórica. *In*: Sérgio Ricardo da Mata, Helena Miranda Mollo e Flávia Florentino Varella (orgs.). **Anais do 3º. Seminário Nacional de História da Historiografia: aprender com a história?** Ouro Preto: Edufop, 2009.

SENKO, Elaine. A trajetória de um historiador medieval islâmico através de sua narrativa autobiográfica: os desafios de Ibn Khaldun (1332-1406). **História, imagem e narrativas**. n. 12, abril de 2011. Disponível em: <<http://www.historiaimagem.com.br/edicao12abril2011/ibn.khaldun.pdf>>. Acesso em 24 de março de 2012.

THORNTON, John Kelly. **A África e os africanos na formação do mundo atlântico: 1400-1800**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004.

ANEXO

Mapa 1: O Império de Mali.....	37
Imagem 1: Ilustração de Ibn Battuta.....	38
Mapa 2: As rotas das viagens de Ibn Battuta.....	39



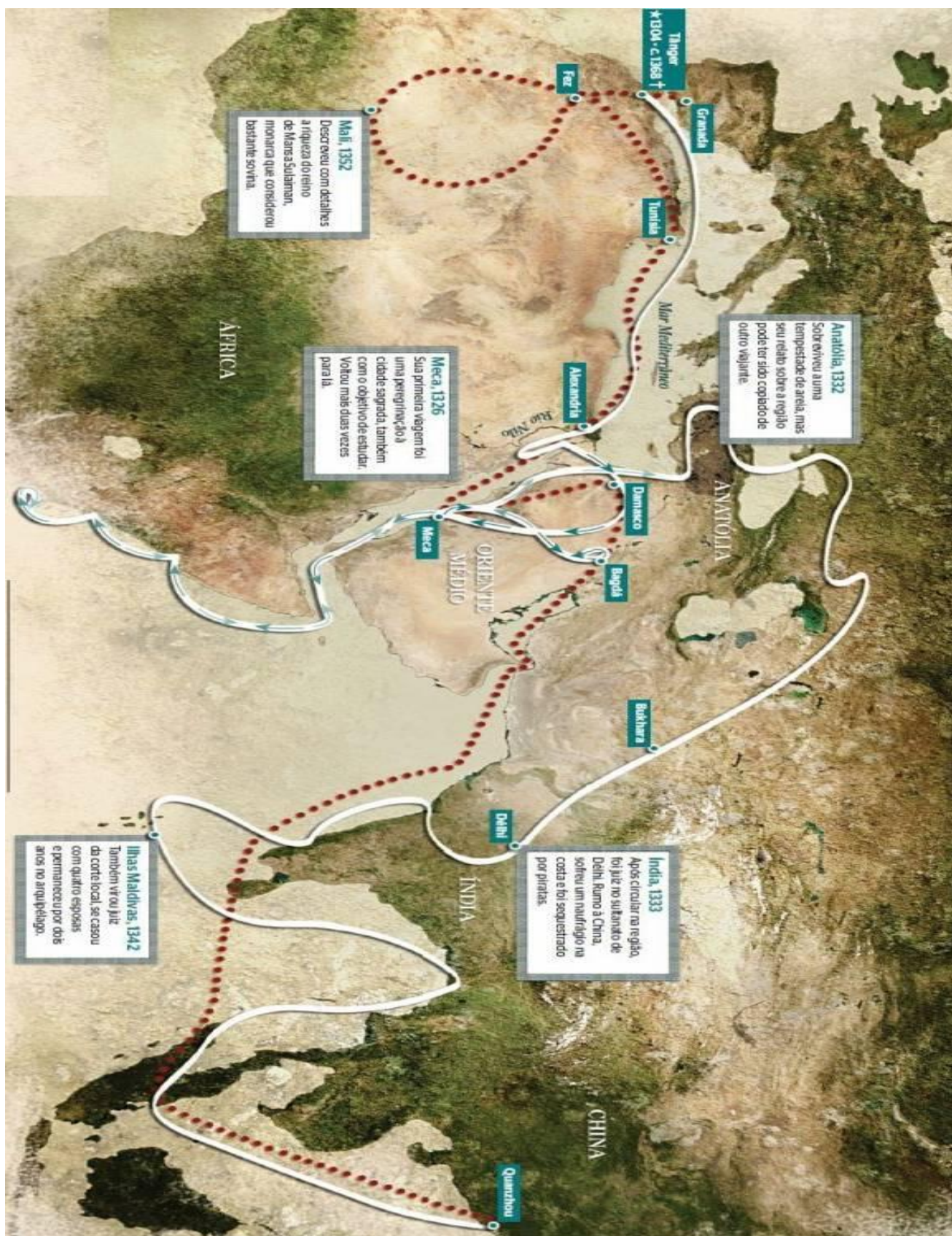
Mapa 1: O Império de Mali com suas cidades-estados no século XIV. Cada representante das cidades e aldeias escolhiam o Mansa e davam a ele o direito de governar.

Fonte: KI-ZERBO, Joseph. **História da África Negra I**. Lisboa: Publicação Europa-América, 1979. p. 165.



Imagem 1: Ilustração de Ibn Battuta durante suas viagens.

Fonte: COSTA, Ricardo da. A expansão árabe na África e os Impérios Negros de Gana, Mali e Songai (sécs. VII-XVI). In: NISHIKAWA, Taise Ferreira da Conceição. **História Medieval: História II**. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2009, p. 34-53. Disponível em: <http://www.ricardocosta.com/artigo/expansao-arabe-na-africa-e-os-imperios-negros-de-gana-mali-e-songai-secs-vii-xvi#sthash.b7q7DoaC.dpuf>. Acesso em: 22 de março de 2015.



Mapa 2: As rotas das viagens de Ibn Battuta

Fonte: Disponível em: <http://guiadoestudante.abril.com.br/aventuras-historia/ibn-battuta-saga-jovem-marroquino-viajou-mais-40-paises-idade-media-680776.shtml>. Acesso em 05 de outubro de 2014.